

# UM ESTUDO DA EPÊNTESE À LUZ DA TEORIA DA SÍLABA DE JUNKO ITÔ (1986)

GISELA COLLISCHONN  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

## ABSTRACT

The relationship between epenthesis and syllabification in Brazilian Portuguese is analyzed. It is shown that an analysis within the Theory of the Syllable developed in Itô (1986) allows to treat as one process the cases of epenthesis on the right and the cases of epenthesis on the left of stray consonants. Furthermore, it is claimed that epenthesis is a lexical and not only post-lexical phenomenon.

## 0 – INTRODUÇÃO

Na teoria de Itô, a silabação, ou escansão, da seqüência fonológica, é obtida através do alinhamento desta seqüência a um molde silábico. Este alinhamento obedece a uma determinada direção, que é estabelecida parametricamente. O fato de que o mapeamento da estrutura silábica é parametrizado para a direcionalidade é considerado pacífico em áreas como a teoria métrica, a morfologia *root-and-pattern* e a reduplicação, o que seria suficiente para considerar que o mesmo seja válido também para a teoria da sílaba.

Os segmentos que não se alinham ao molde não são, conseqüentemente, ligados a nós silábicos e são, posteriormente, apagados. Este apagamento, que ficou conhecido como apagamento de elemento perdido (*stray erasure*), ocorre, segundo Itô, no léxico, ao fim de cada ciclo derivacional e não somente no nível da palavra ou no nível pós-lexical (op. cit., p. 13). O apagamento de elemento perdido é uma operação desencadeada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico, o qual exige a integração de todo e qualquer elemento de uma determinada categoria prosódica numa categoria hierarquicamente superior. O Princípio de Licenciamento Prosódico está presente tanto no léxico quanto no componente pós-lexical.

Outro princípio é o de Preservação de Estrutura, que exige que toda sílaba criada esteja de acordo com as condições de boa-formação específicas da língua em questão. Este princípio somente opera no léxico. Isto quer dizer que as sílabas criadas no componente pós-lexical não precisam

estar de acordo com estas condições. Por exemplo, um elemento não silábado no léxico pode ser incorporado a alguma sílaba já existente, criando uma estrutura silábica que, do ponto de vista lexical, seria mal-formada. Como consequência, as sílabas criadas no léxico tendem a ser mais restritas em tamanho e complexidade do que aquelas criadas no componente pós-lexical.<sup>1</sup>

A teoria de Itô prevê duas maneiras de evitar o apagamento, no léxico, de um elemento não associado. A primeira delas é a extrassilabidade, propriedade de um segmento de não ser visível ao mapeamento silábico e, conseqüentemente, ao apagamento. A extrassilabidade é restrita a um segmento periférico e é perdida quando este se torna interno no curso da derivação. Neste caso, se o segmento não puder ser associado a nenhum nó 'σ', ele é apagado.

A segunda maneira de evitar o apagamento é a epêntese. Cria-se um novo nó 'σ', uma sílaba degenerada, ao qual o elemento perdido é associado (de acordo com o molde). Este nó 'σ' dispõe de um núcleo 'V', não especificado, cujos traços melódicos serão preenchidos por regras *default*.

Sendo a epêntese um sub-produto do próprio processo de silabação, ela conseqüentemente, também depende da direcionalidade, ou seja, a posição de inserção da vogal epentética será prevista pela direção da silabação. Se o alinhamento do molde à seqüência fonológica ocorre da esquerda para a direita, a introdução de 'V' será à direita de 'C'; se for da direita para a esquerda, será à esquerda.

(1) Direção e epêntese (cf. Itô, op. cit., p. 207)

	Esquerda/Direita	Direita/Esquerda
inicial	#CC → #CVC	#CC → #VCC
medial	CC → CVC	CC → VCC
final	CC# → CCV	CC# → CV#

## 1 - DADOS

São três os casos típicos de epêntese em português que nos interessam: entre consoantes no meio da palavra (como em [Rapu] rapto), depois de consoante final (como em clube [klubɨ], VARIGI [varigi]) e diante de um grupo consonantal /sC/ inicial ('C' refere-se a uma obstruinte qual-

quer) (como em esplêndido [usplêndidu], spa [uspa]). Alguns poderiam objetar que estes últimos já não pertenceriam à sincronia da língua e que estas formas teriam a vogal na forma subjacente (reestruturação lexical). Não havendo nenhuma justificação sincrônica para a manutenção de uma regra na gramática, a mudança que ela efetua é simplesmente incorporada à forma subjacente e a regra desaparece do sistema da língua. No entanto, podemos verificar com exemplos de empréstimos recentes e com nomes próprios adaptados à fonologia do português que a epêntese de V em final de palavra e à esquerda de /s/ inicial continua ativa, portanto, é mais econômico considerar que a forma subjacente, mesmo daquelas palavras que já há muito fazem parte do léxico da língua, não contém a vogal.

Quando a consoante perdida for uma oclusiva ou uma fricativa labiodental, a epêntese ocorre sempre à direita desta consoante. Vejamos alguns exemplos:

- (2) Epêntese inicial  
#C'C → CVC  
[pnew] 'pneu', [ptolomew] 'Ptolomeu'  
[džižavā] 'Djavan', [gnomo] 'gnomo'  
[mnemonikU] 'mnemônico'  
[kuɔr] 'Knorr'
- (3) Epêntese medial  
...C'C... → CVC  
[pepɨs] 'Pepsi', [ipuɔzi] 'hipnose'  
[edžigar] 'Edgar', [abusortu] 'absorto'  
[kremɨɫɨ] 'Kremlin', [dminezɨyɔ] 'amnésia'
- (4) Epêntese final  
...C'# → CV  
[klubɨ] 'clube', [varigi] 'VARIG'  
[engovɨ] 'ENGOV', [kutši] 'CUT'

Quando a consoante perdida for uma sibilante, a epêntese ocorre à esquerda.<sup>2,3</sup> Para este tipo de consoante basicamente só há exemplos de epêntese inicial, porque, sendo um segmento permitido em Coda, uma sibilante dificilmente ficará perdida no meio ou no final de uma palavra. Mas há casos de dois segmentos perdidos, em que o segundo é uma sibi-

<sup>2</sup> A epêntese à esquerda somente ocorre com /s/ e não com a fricativa coronal [-anterior] /ʃ/. Os exemplos são nomes alemães muito conhecidos, como Schmidt e Schneider, que ficam [ʃismɨt] e [ʃisnɨdɨr], o que, no meu entender, mostra que, pelo menos subjacentemente, /ʃ/ não pode ser Coda de sílaba.

<sup>3</sup> A ocorrência de uma vogal à direita (do /s/ é marginal. No dialeto gaúcho encontramos apenas um exemplo em que tanto a epêntese à direita como à esquerda é possível: [simuça] - [ɨçmuça].

<sup>1</sup> É oportuno ressaltar que a ressilabação pós-lexical é, nesta perspectiva, restrita aos contextos de junção e aos elementos periféricos que permaneceram invisíveis ao processo de silabação lexical. Ela não poderia refletir, por exemplo, toda a estrutura silábica interna de uma palavra, sob pena de se perder qualquer traço da existência da silabação anterior.



lante, nos quais, como veremos adiante, se pode verificar que a epêntese em posição medial e final é também à esquerda.<sup>4</sup> Vejamos os exemplos:

(5) Epêntese inicial com /s/

#sC → VsC

[tspa]	'spa'	*[stpa]
[ukrtʃi]	'esquete'	*[skrtʃi]
[uskɔw]	'skol'	*[skɔw]
[uzmedʒi]	'SMED'	*[sumedʒi]
[ustãɪ]	'Stein'	*[stãɪ]
[uzgɔrla]	'Sgoria'	*[sgɔrla]

(6) Epêntese medial e final com /s/

[fewdʒispatu]	'feldspato'
[tungustenyu]	'tungstênio'
[inãmpis]	'INAMPS'
[fílipsis]	'Philips'

A partir dos dados apresentados acima, podemos elaborar a seguinte generalização:

(7) Uma vogal é inserida à direita de uma consoante perdida, quando esta não for /s/. No caso de /s/ a inserção ocorre à esquerda.

A questão fundamental deste trabalho é justamente esta: por que o /s/ admite epêntese à esquerda, quando todas as outras consoantes somente admitem epêntese à direita? A resposta parece óbvia: é porque o /s/ pode ficar em final de sílaba.<sup>5</sup> Ou seja, pode formar sílaba com uma vogal à esquerda. Entretanto, esta não é uma explicação, porque /s/ também pode ser ataque de uma sílaba, ou seja, ele admitiria inserção de vogal à direita. Por que então, no caso de /s/ a inserção sempre se dá à direita?

Poderíamos resolver a questão argumentando que se tratam de dois processos diferentes e, em consequência, de duas regras diferentes. Poderíamos, por exemplo, invocar a extrasilabidade para o /s/ inicial. O /s/ ficaria invisível para o Apagamento de Elemento Perdido e seria recuperado somente no nível pós-lexical, quando então entraria em ação uma regra especial de epêntese, colocando uma vogal à esquerda do /s/.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> É claro que se pode objetar que nestes casos a inserção se dá menos em função do /s/ do que em função de outra consoante oclusiva perdida. Entretanto, o que estes exemplos mostram é que o /s/ não favorece a inserção à direita (cf. \*tung[isi]tênio, \*philip[isi]) em nenhuma posição.

<sup>5</sup> O comportamento das nasais em empréstimos não pôde ser observado. Para o dialeto carioca, veja Freitas (1992, p. 77 e 79).

<sup>6</sup> Uma evidência de que esta não seria uma solução satisfatória são exemplos de seqüências de palavras como: ...abre um [a]skol... 'abre uma skol' e ...ting [ti]spray... 'tinga-spray', em que a vogal epêntica aparece, provocando, inclusive, a elisão da vogal anterior. Se o /s/ fosse extrasilábico, deveríamos ter exemplos como: ...um [a]skol... 'um[as]kol', em que o /s/ se incorporaria à sílaba anterior, assumindo a posição de Coda.

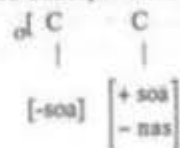
Cedendo à tentação de mexer com a hipótese de que se trata de uma coisa só, verificaremos em seguida as suas conseqüências. Antes disso, porém, temos que determinar, para o âmbito deste trabalho, o molde silábico, as condições de boa formação e a direção de silabação em português.

## 2 - O MOLDE SILÁBICO E AS CONDIÇÕES DE BOA FORMAÇÃO

A discussão a respeito do molde silábico do português brasileiro precisa ser ainda aprofundada e extrapolaria os propósitos deste estudo. Adotamos o molde CCVCC, porque ele trata os *glides* e as soantes como estando em distribuição complementar, o que explica porque praticamente inexitem no português exemplos de sílabas com ditongo + soante (com exceção dos ditongos nasais, que já são por si um capítulo à parte).<sup>7</sup>

Neste molde, o ataque pode ser preenchido por qualquer consoante, se houver apenas uma casa 'C'. Se houver duas casas 'C', é necessário restringir o seu preenchimento. A primeira casa será preenchida por uma obstruinte (O) e a segunda por uma líquida (L).

(8) Primeira Condição de Ataque Complexo



Esta condição somente permite a formação da seqüência O L. Ela entretanto não exclui as seqüências de fricativa e líquida. Para isto, postulamos a Segunda Condição de Ataque Complexo.

(9) Segunda Condição de Ataque Complexo



Esta não permite que os segmentos ao mesmo tempo coronais e contínuos, /s, z, ʒ, ʒ/, ocupem a primeira posição do Ataque complexo.

Com relação à Rima, esta pode conter, no máximo, 3 elementos, dos quais um é obrigatório: a vogal nuclear. Os outros dois segmentos são opcionais e distribuem-se de acordo com (10):

<sup>7</sup> A outra alternativa possível seria um molde CCVVC, em que o /s/ está em distribuição complementar com as outras soantes permitidas em Coda silábica.

### (10) Distribuição das consoantes na Coda

C	C	]
glides	sibilantes	
nasais		
líquidas		

Para dar conta desta distribuição, adotamos a seguinte condição (os parênteses indicam que os dois segmentos são opcionais):

### (11) Condição de Coda

(C)	(C)	]σ
[+soa]	[+cont +cor]	

Em resumo, as condições de boa formação determinam que a Coda pode ser preenchida apenas por soante ou por /s/, ou por uma seqüência das duas, mas não por uma oclusiva, por exemplo. E que o Ataque, quando constituído de dois elementos, somente pode ser preenchido por uma seqüência de oclusiva + líquida. Estas condições determinam que, havendo uma seqüência de duas oclusivas (como em *apto*), ou de oclusiva e nasal (como em *ritmo*), a primeira das duas consoantes não pode ser associada a um nó silábico e fica perdida, o que cria o contexto para a epêntese.

## 3 – DIREÇÃO DE SILABAÇÃO: D/E

Iremos considerar que o português obedece à direção D/E, que, conforme Itô, é a direção das línguas indoeuropeias. Como veremos mais adiante, a epêntese pode fornecer evidências de que a direção é realmente esta.

## 4 – DIREÇÃO E EPÊNTESE

A posição da vogal inserida depende da direção do mapeamento silábico. Se este mapeamento é da direita para a esquerda em português, então a inserção de V deve ser à esquerda da consoante perdida, conforme (1). Nos dados apresentados acima, a inserção à esquerda ocorre apenas com /s/ e não com as outras consoantes. Aparentemente, os dados estão contradizendo a teoria de Itô. Porém, se V é inserida à esquerda de C, temos uma sílaba VC. Como vimos em 2, das obstruintes, apenas /s/ é permitido em posição de Coda. No caso das outras obstruintes, se a inserção fosse à esquerda, seria criada uma sílaba que violaria a Cond. de Coda.

Em virtude disto, a análise aqui proposta é a seguinte:

(a) o mapeamento do molde ocorre da direita para a esquerda;  
 (b) sempre que o molde encontra uma consoante perdida, ou seja, não associada a nenhum nó 'σ' em passagens anteriores do mapeamento, ele procura inserir um elemento V à esquerda de C';

(c) se isto não for possível, porque C' é uma consoante não permitida em final de sílaba, o molde insere um elemento V à direita de C'.

O procedimento é ilustrado abaixo. A linha diagonal cheia indica uma associação entre o molde e o esqueleto CV. A linha pontilhada indica a criação de um elemento no esqueleto, a partir do molde.

### (12) /pnew/      /skɔl/      forma lexical

σ
/ \
CCVC
p n e w

σ
/ \
CCVC
s k ɔ l

silabação 1ª oper.

[CCVCC]
⋮    ⋮    σ
VCCVC
s k ɔ l

silabação 2ª oper.

[CCVCC]
⋮    ⋮    σ
CVVCVC
p n e w

silabação 2ª oper.

σ	σ	σ	σ
/	/	/	/
CV	CVC	VC	CVC
p i	n e w	i s	k ɔ l

resultado final

## 5 – LOCALIZAÇÃO DA EPÊNTESE

A segunda pergunta a abordar neste trabalho é a seguinte: em que momento da derivação ocorreria a epêntese? Para Itô, o prazo final para a existência de consoantes ou vogais perdidas é o último nível do léxico. Neste momento, ou elas são salvas pela epêntese, ou são eliminadas pelo apagamento. O Princípio de Licenciamento Prosódico não permite que



segmentos permaneçam desassociados, com exceção dos extraprosódicos. Se considerarmos que a silabação ocorre no léxico, servindo de *input* para outras regras lexicais, tais como o acento, então a epêntese também deverá ocorrer no léxico; do contrário, ocorreria o apagamento dos segmentos perdidos e o contexto para a epêntese seria eliminado. Portanto, a teoria de Itô não é compatível com a hipótese de que a epêntese é pós-lexical. As consoantes perdidas em posição inicial e final ainda poderiam ser salvas com recurso à extrasilabidade, mas para os segmentos internos esta solução não é possível. Ou eles são salvos pela epêntese no léxico, ou são eliminados.

A hipótese de que a epêntese é pós-lexical aparece em trabalhos como o de Freitas (1992) e o de Lee (1992). Na parte que segue, vou procurar mostrar no que se baseia esta hipótese, tentando demonstrar, por outro lado, que todas estas observações não inviabilizam a hipótese contrária, a da epêntese lexical.

Em primeiro lugar, há o problema do acento. A posição do acento no português obedece à Restrição de Janela de Três Sílabas, segundo a qual o acento alcança maximamente a terceira sílaba a contar da borda direita (Bisol, 1992). Em palavras como *étnico*, *técnico*, sendo a epêntese lexical, ocorreria uma violação desta Restrição, porque elas receberiam o acento, neste caso, na quarta sílaba a contar da borda.

Esta objeção à epêntese no componente lexical é facilmente contornável, desde que se suponha que a epêntese não se aplica antes do acento. Por exemplo, digamos que o acento ocorra entre a primeira silabação e a epêntese. Tal possibilidade é prevista em Itô (op. cit., p. 211): a silabação é contínua, mas a epêntese é uma operação de fim-de-ciclo. Outra possibilidade é supor, conforme Wetzels (1992, p. 37), que estas palavras recebem o acento por um diacrítico e não via regra. Neste caso, a posição do acento estaria determinada antes mesmo da primeira silabação, o que explicaria a violação da Restrição de Janela.

Uma segunda razão para se considerar a epêntese como sendo pós-lexical é que ela se comporta como uma regra pós-lexical. Ela não se refere a fronteiras morfológicas, não há exceções lexicais e, mais do que isto, não há evidência de que a epêntese preceda outras regras lexicais.<sup>8</sup> Além disso, a epêntese é opcional, ao passo que as regras lexicais são obrigatórias. Estamos, portanto, diante de uma contradição entre a teoria e os dados da observação.

Um caminho para resolver o problema é partir para a observação do que acontece entre palavras. Neste momento estamos fazendo apenas uma

projeção para o futuro, porque ainda não temos um levantamento de dados exaustivo a respeito do que realmente acontece em fronteira de palavras.

Partimos da hipótese de que, sendo a epêntese pós-lexical, os processos de ressilabação em fronteira de palavra deveriam sangrar a epêntese, ou seja, deveriam retirar o contexto para sua aplicação. Entretanto, aparentemente, não é isto que ocorre. Vejamos alguns exemplos:

(13)...a passagem do trensurb[i]umentou...

\*...a passagem do trensurb[a]umentou...

...a puc[i] avisa os alunos...

\*...a puc[a]visa os alunos...

...Mont Serrat[i] é ali...

\*...Mont Serrat[ε] ali...

...a Varig[i] oferece mais vantagens...

\*...a Varig[o]ferece mais vantagens...

(14)...um club[i] lindo...

\*...um clu[bl] indo...

Nos exemplos em (13) poderíamos esperar que, se a epêntese fosse pós-lexical, a oclusiva final se tornaria ataque da primeira sílaba da palavra seguinte, como ocorre nos exemplos abaixo:

(15)...ma[r]azul...

...nó[z]agora...

...mã[yn]amiga...<sup>9</sup>

Como esta ressilabação não ocorre em (13), conclui-se que a epêntese é anterior a ela, pois ela elimina o contexto para a ocorrência da ressilabação. A mesma argumentação vale para o exemplo (14), no qual a oclusiva final se tornaria o primeiro elemento de um Ataque complexo como ocorre em (16):

(16)su[bl]inhar ~ sub[i]linhar

su[bl]egenda ~ sub[i]legenda<sup>10</sup>

Se se confirmarem as observações acima, a respeito da ordenação entre epêntese e ressilabação, então poderemos dizer que a epêntese pode ser lexical. Baseando-nos em Booij (1993), podemos considerar que as regras obedecem ao Princípio Aplique Quando Possível., segundo o qual, uma regra cujo domínio prosódico é a palavra está autorizada a aplicar-se no léxico. Isto não significa que ela não possa aplicar-se também no com-

<sup>8</sup> Com exceção das formas verbais de 1ª pessoa, nas quais o acento incide sobre a vogal epentética, como *ind[ig]ri[no]*, *ri[ti]mo*, cuja explicação reside provavelmente na homofonia com os nomes *indigno* e *ritmo*.

<sup>9</sup> A nasalidade nem sempre produz um ataque neste contexto.

<sup>10</sup> O exemplo é de Cláudio Moreno (comunicação pessoal).

ponente pós-lexical. Entretanto, para que uma regra deste tipo se aplique somente no componente pós-lexical, necessitamos de uma estipulação a mais, do contrário, ela irá se aplicar tão logo seja possível, isto é, assim que a palavra estiver pronta, em outras palavras, no léxico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. (1992) *O Acento: Duas Alternativas de Análise*. Porto Alegre: UFRGS/PUCRS. (não publicado)
- BOOIJ, G. (1993) *Lexical phonology: a review*. (não publicado)
- FREITAS, M. (1992) Empréstimos, Teoria Auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 23, p. 71-81.
- ITÓ, J. (1986) *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts.
- LEE, S. H. (1992) Fonologia lexical do português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 23, p. 103-120.
- WETZELS, L. (1992) Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 23, p. 19-33.